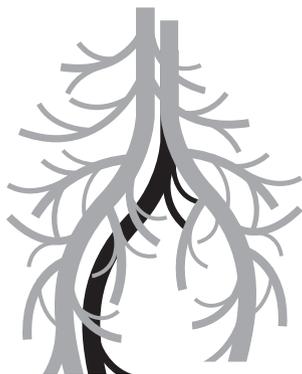


cláudia r. sampaio
ver no escuro



COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVI

© 2016, Cláudia R. Sampaio
e Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Titulo: *Ver no Escuro*
Autora: Cláudia R. Sampaio
Coordenador da coleção: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Março de 2016

ISBN 978-989-671-303-4
DEPÓSITO LEGAL N.º: 404 919/16

*E tu baloiças pelos olhos dentro
Inundando de paisagens a cegueira*

Daniel Faria

Uma vez quiseram-me louca, a arder
e eu ardi com a discrição de
um fogo posto
porque a cura vai na mesma direcção
que a nossa febre

Ateei-me como um relâmpago inesperado
à luz do dia
Eu parecia uma basílica em chamas
de altar por estrear, a arder sozinha

Sempre me recusei a arder como os outros

Ardam-se mais à esquerda ou mais à direita
mais a vento de sul ou de norte,
mas labaredem-se, sejam fogos que ardem!

Porque pior que a desdita loucura
é toda a gente andar em brasa
mas ninguém chegar a incêndio

E no fim são todos cinza

Este poema não tem cura.
Este poema não sabe que é
um poema.

Ofereço-lhe, amando, o meu
interior nocturno transformado
em mulheres velozes,
com uma batidinha no estômago
e um desmaio universal.

Morrerei assim, às mãos largas
de todas as perguntas deixadas
no meu dorso.
Que será feito da minha essência?

Este poema não tem essência.
Este poema é uma mãe em chamas
na barriga do filho.

Tenho anos-luz de cansaço
e um golpe mortal na cabeça.

Vieste tu abrir-me do umbigo
ao sol nascente
depois pomo-nos sobre o mar.

Se te esqueceres de mim
criarei a dança das sibilas cintilantes
usarei um cinto de amargura e uma
camisolinha de gelo
e gravarei nos pés o contrário do
teu caminho.

Abrirei uma caverna em peito onde
possa gritar a tua imagem como o
nosso sangue extinto
e iremos desta vida à outra com o
desamor em braços,
desmaiados em insucesso.

Ainda assim, levo-te entre as pernas
em vergonhosa ascendência.
Criei-te uma dinastia de alturas
inconfessáveis
e ninguém sabe
ninguém sabe.

Dar-te-ei tudo o que em vida errada
me for permitido até à exaustão das
causas possíveis:
um rim, uma carta lambida,
e todo o mar que me atravesse.

Neste quartinho-ilha onde nadamos
sem milagres, saberei quando te
esqueceres de mim:
terei a certeza pelo chilrear inanimado
das mulheres
quando passar por elas na rua.

Quando for embora não deixarei
migalha de mim.
Levarei o cheiro a desorientada
melancolia e desastre
e não deixarei um cabelo que seja.
Levarei comigo as gatas e os livros,
a roupa deixo-a às minhas amigas,
o umbigo, à minha mãe.

Vou e não esqueço.

Partirei sem as orquídeas que
me assombram delicadeza
e sem os cactos que me superam
em estirpe.
Vou aberta como um eterno retorno
e na simplicidade de um bebé que
procura um sítio onde se sentar.

Aqui há a desactivação das almas à
nascença e a ovação aos tristes.
Há a exultação do silêncio profundo
e a altivez congratulada dos néscios.
Há o sangue cansado dos bichos
e a preparação para a fuga da terra.
Aqui há a terra sem terra e a saliência
do teu ombro morto.

Há orelhas frias que soluçam tarde
e uma cova a dizer adeus.

Por isso vou embora no sentido inverso
ao das árvores
numa descida clandestina à mulher que
morreu em ondas.

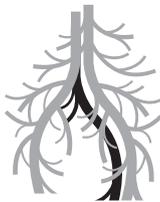
Vou embora e deixo o meu vinco que
não morre mesmo que me passem com
alcatrão fresco e me estiquem.

Deixo apenas a verdade dos meus
olhos quando pendurados na janela,
a sorrir mundos
deixo as abelhinhas doidas que ignoraram
o meu salto,
e o riso da desistência
porque ainda preciso de mim.

ÍNDICE

- 7 *Uma vez quiseram-me louca, a arder*
8 *Este poema não tem cura.*
9 *Tenho anos-luz de cansaço*
10 *Se te esqueceres de mim*
12 *Quando for embora não deixarei*
14 *Há quanto tempo carrego a tua esfinge*
16 *Não sei que dia é à minha volta*
19 *Esta mulher luzente em*
20 *não entendemos o ressoar desta*
23 *Ascendem-me das mãos as ruas*
24 *Não há nenhum pássaro sobre a*
26 *Explicar que é nas tuas mãos que*
28 *Tu sentado na praça.*
30 *Em todos os momentos de silêncio se*
32 *É agora, que te foste embora, o momento*
34 *Temos de empurrar a pedra montanha acima,*
36 *Morro todos os dias*
37 *Aqui está a desgraça fêmea do candeeiro*
39 *Tragam-me um homem que me levante com*
40 *Os dias começam com a despedida*
42 *As deusas tinham todas ficado em casa,*
45 *Quando partes a loiça toda*
46 *Há pessoas nesta cidade que são como*
47 *Quanto mundo há nesta sala toda disposta*
49 *Procuramo-nos por entre a grande lógica*
51 *Disseste que os nossos corpos juntos provocariam*

52 *O que fui dali até aqui*
53 *Ir para lá da vida, a tua luz*
54 *Quando todas as lágrimas se transformarem*
em gatilhos
56 *Não ter mais do que esta lembrança*
57 *Tenho errado como as pedras num charco*
58 *Não adianta procurar por procurar*
59 *E o vento e a chuva nos ossos*
62 *Estou viva.*
63 *Passei todo aquele poema a viver.*
64 *Hoje danço-me, depois de ti, com a*
65 *Existo até à memória*
67 *Trago-te para este poema*
69 *Que despropósito, esta ausência de*
70 *Sou instante.*
72 *Eis-me aqui chegada*
73 *Vou escrevendo a minha verdade*
74 *Há dias que são cadáveres com a mãozinha*
76 *Aqui estou.*



VER NO ESCURO
de Cláudia R. Sampaio
foi impresso pela Rainho&Neves, Artes Gráficas,
em papel Coral Book de 90 g,
em Fevereiro de 2016.

